

REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DA SINTAXE TEXTUAL / REFLECTIONS ON DIDACTIC PRACTICES FOR TEACHING SYNTAX TEXTUAL

Maria Irma Chahine Gallo¹

RESUMO

O presente trabalho teve por meta analisar práticas didáticas para o desenvolvimento da linguagem em estudantes dos anos iniciais, suportadas por mecanismos de interlocução dialógica, aprofundada e frequente entre professores e alunos e alunos, em detrimento da aplicação de inúmeros projetos pedagógicos que tentam imprimir um sentido de eficiência ao atual sistema de ensino escolar brasileiro, dado que pesquisas indicam que há, no Brasil, 27% de analfabetos funcionais, isto é, incapazes de compreender textos de média complexidade, assim como preencher fichas que demandam variadas informações, necessárias para a inserção social.

Palavras-chave: praticas didáticas, interlocução dialógica, inserção social

ABSTRACT

The present study had the goal to analyze teaching practices for the development of language in the early years students, supported by mechanisms for interlocution dialogic, thorough and frequent between teachers and students and students, at the expense of application of numerous educational projects that attempt to print a sense efficiency of the current system of Brazilian school education, as research indicates that there is, in Brazil, 27% were functionally illiterate, ie, unable to comprehend texts of medium complexity, as well as fill out forms that require a variety of information required for insertion social.

Key-words: teaching practices, dialogical dialogue, social inclusion

¹ Pedagoga/Unicamp, Pós Graduada em Teorias e Práticas de Ensino na Educação Básica/Opet; Educação Especial e Inclusão Social/Unasp; Gestão Educacional e Escolar/ Unasp; Ética e Valores na escola/ USP; Psicopedagogia Institucional/Uniabeu Professora da rede municipal de ensino de Campinas - SP

1. INTRODUÇÃO

Pesquisas² tem divulgado que aproximadamente 27% dos brasileiros são analfabetos funcionais, isto é, apresentam grande dificuldade em compreender textos e cálculos com média complexidade. Segundo Caiado (2009)

Um dos obstáculos para a formação de um escritor relaciona-se ao desenvolvimento precário das habilidades na escrita, provenientes, por exemplo, de alterações ou erros de sintaxe, estruturação, organização de parágrafos, pontuação, bem como todos os elementos necessários para a composição do texto.

Inclusive, a falta de hábito ou inabilidade em preencher lacunas de seu próprio discurso oral, responsáveis que são em dar sentido equivalente ou contrastante ao enunciado, de modo a verbalizar um pensamento que a princípio se localiza em suas intenções.

Dessa forma, entende-se que a má qualidade comunicativa entre os adultos e entre estes e as crianças e jovens, dado um contexto caracterizado por lacunas sintagmáticas e uma determinada urgência em se comunicar, criam obstáculos no interior do processo de aprendizagem e desenvolvimento da produção escrita de textos enunciativos. Cujas perpetuação é garantida por atividades pedagógicas com enunciados escritos mal construídos, e que impactam a relação entre imagem acústica e conceito durante a aprendizagem dos signos linguísticos, aqui denominados significados e significantes. De acordo com Barthes (2012, p.79)

(...) a fala (no sentido saussuriano) era de natureza sintagmática, já que, além das amplitudes da fonação, ela pode ser definida como uma combinação (variada) de signos (recorrentes): a frase falada é o próprio tipo de sintagma; o sintagma está, pois, com toda certeza, muito próximo da fala; (...)

Considera-se, portanto, que a intenção, a qualidade e uma dicção clara e pausada, dado que há a necessidade de um lapso de tempo para que certos ajustes entre falante e ouvinte sejam concluídos, são elementos garantidores de uma interação comunicativa eficaz ao longo de um processo pedagógico de formação de leitores/autores. Tal lapso de tempo se consubstancia no substrato necessário em que se desenvolvem as formas críticas de reflexão sobre o sentido ideológico da linguagem e a conseqüente construção de sentido pela própria fala.

Dado o contexto de práticas didáticas de escrita e leitura, permeadas por uma oralidade norteadora e sem lacunas que deveriam contribuir para que o estudante realize a transposição das imagens mentais em um discurso coeso e coerente, torna-se importante averiguar a percepção dos adultos, das crianças e jovens em relação a algumas práticas didáticas comumente adotadas no exercício cotidiano do ensino da sintaxe textual na escrita e em sua compreensão na leitura. Pois o emissor, quando produz seu discurso, torna-o muito mais eficaz se conseguir antecipar as representações que o receptor necessita fazer.

Segundo Smolka (1993), a alfabetização é um processo que se realiza a partir de duas tecnologias – leitura e escrita, inseridas em momentos discursivos sucessivos de interlocução e interação. Sendo assim, o objetivo deste estudo é

² Toledo, Roberto Ppompeu de. *232 Bombas Atômicas*. (Veja, jul 2012) O artigo divulga o resultado da pesquisa realizada pela ONG Ação Educativa, em colaboração com o Instituto Paulo Montenegro que indica ser este o percentual de brasileiros que têm dificuldade em cálculos de média complexidade.

analisar as práticas didáticas que visam desenvolver no emissor/escritor/orador a habilidade em imaginar, projetar e realizar a transposição verbal (por escrito ou oralmente) para um determinado lugar discursivo em que o receptor possa vir ao encontro, e a partir desse lugar desenvolver seu discurso.

E conseqüentemente, identificar quais são os elementos textuais necessários e/ou desnecessários para a compreensão do texto, segundo a percepção do receptor/leitor, considerando a classe de escolares apresentada.

Pois, pressupõe-se que o fato gerador da dificuldade em produzir e compreender textos esteja relacionado tanto às influências das condições de vida das crianças no processo de elaboração e construção do conhecimento do mundo, porém, muito mais ao importante papel desempenhado pela presença ou a ausência de adultos ou pessoas mais experientes, como interlocutores e informantes das crianças – no caso, os professores.

Pela visão teórica assumida, o processo de conhecimento é concebido como produção simbólica e material que tem lugar na dinâmica interativa. Tal movimento interativo não está circunscrito apenas a uma relação direta sujeito-objeto, mas implica, necessariamente, uma relação sujeito-sujeito-objeto. Isto significa dizer que é por meio de outros que o sujeito estabelece relações com objetos de conhecimento, ou seja, que a elaboração cognitiva se funda na relação com o outro. Assim, a constituição do sujeito, com seus conhecimentos e formas de ação, deve ser entendida na sua relação com os outros, no espaço da intersubjetividade. Deste modo, na explicação do surgimento de formas mediadas de ação e da origem da ação individual, um papel fundamental é atribuído à palavra, signo por excelência. A mediação pelo outro e pelo signo caracterizam, portanto, a atividade cognitiva. (SMOLKA, 2013, p. 8).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo aqui desenvolvido pretendeu relacionar as produções teóricas de vários autores, ora contextualizando-as, ora contrapondo-as aos dados levantados, que foram coletados em ambiente escolar, e em pleno processo de desenvolvimento da linguagem a partir da escrita e da leitura, ou seja, permeando o processo de alfabetização de uma classe de 2º ano da rede de ensino de um município do interior do estado de São Paulo. Segundo Sausurre (2012), a Linguagem é a soma da Língua (imposta ao indivíduo) com a Fala (um ato particular do indivíduo). Para Sausurre (2012, p. 158), a língua é um sistema de valores puros, basta “considerar (que) os dois elementos que entram em jogo no seu funcionamento (são): ideia e som”.

O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam à significação. (SAUSURRE, 2012, p. 165)

No entanto, Bakhtin (apud SOUZA, 2012, p.97) considera que Sausurre reduz a linguagem a um sistema abstrato de formas (o objetivismo abstrato) que, por sua vez, impede compreendê-la como sendo um código ideológico. Segundo Bakhtin, a relação que o indivíduo estabelece com a linguagem está diretamente relacionada às circunstâncias de vida em sociedade, o que a torna viva, orgânica. Portanto,

segundo este autor, se contrapõe à concepção normativa de Sausurre, ou seja, a linguagem como um sistema abstrato de normas a ser reproduzido.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. (BAKHTIN apud SOUZA, 2012, p.98)

Considera-se que tal concepção de linguagem alinha-se à corrente de pensadores que criticam o uso das cartilhas para alfabetização. Na pedagogia tradicional, o uso da cartilha para a alfabetização das crianças guarda estreita ligação com a linguagem que é estudada no interior do sistema abstrato de normas, dado que é parte de um conjunto sistematizado de ensino compartimentalizado, com ênfase na ortografia e em uma gramática normativa como forma de reproduzir o ensino da língua materna padrão para que se garanta a inserção das novas gerações na sociedade a que pertencem. Em contrapartida, para Bakhtin (apud SOUZA, 2012, p. 99), “a língua (...) não é transmitida como um produto acabado, mas como algo que se constitui continuamente na corrente da comunicação verbal”. Na mesma página, segue que:

Os indivíduos não recebem a língua materna pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar... Os sujeitos não adquirem a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (BAKHTIN apud SOUZA, 2012, p. 99)

Ao longo de seu desenvolvimento, o ser humano socializado e saudável vai descobrindo que a fala aciona o ambiente, de tal forma que “a fala começa a servir ao intelecto e os pensamentos começam a ser verbalizados” (cf. VYGOTISKY apud, SMOLKA, 2012, p. 128)

Ao buscar a unidade do pensamento verbal no significado das palavras, Vygotsky (apud SMOLKA, 2012, p. 129) considera que:

O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento.

Assumindo, então, que as crianças “penetram na corrente da comunicação verbal”, é possível presumir que as crianças se integram e apreendem semanticamente, no interior de seus pensamentos, o contexto a qual se integram mediante seus conhecimentos de mundo, cuja construção se sucede a tal integração. As interações dialógicas desempenham papel fundamental na formação da subjetividade, que, inicialmente, configurou-se semanticamente.

De acordo com Smolka (2012, p. 129), “Vygotsky se refere ao aspecto interno da linguagem verbal, que é semântico e significativo, e seu aspecto externo, que é propriamente sonoro.

Em consequência, a criança “começa (a falar) utilizando sons que acabam por se traduzir em palavras (...) Em relação ao significado, ocorre o inverso (...)” (cf. SMOLKA, 2012, p. 130)

Vygotsky afirma que, exatamente por surgir como um todo indistinto e amorfo, o pensamento da criança deve encontrar expressão em uma única palavra. À medida que seu pensamento se torna mais diferenciado, não é mais possível expressar-se por meio de uma única palavra. O avanço da fala em direção às frases auxilia o pensamento a progredir de um todo homogêneo para partes mais bem definidas. (VYGOTSKY apud SMOLKA, 2012, p. 130)

Nesse sentido, o presente estudo considera que o tempo gasto no processo pedagógico de significação (semiose) é de extrema importância, uma vez que contempla os momentos discursivos sucessivos de interlocução e interação, sendo fundamental para a formação do sujeito escritor/leitor.

(...) Não se trata, então, apenas de “ensinar” (no sentido de transmitir) a escrita, mas de usar, fazer funcionar a escrita como interação e interlocução na sala de aula, experienciando a linguagem nas suas várias possibilidades. No movimento das interações sociais e nos momentos das interlocuções, a linguagem se cria, se transforma, se constrói, como conhecimento humano. (SMOLKA, 1993, p. 45)

Para Barthes (2012, p. 24)

(...) Só podemos manejar uma fala quando a destacamos na língua; mas, por outro lado, a língua só é possível a partir da fala: historicamente, os fatos da fala precedem sempre os fatos de língua (é a fala que faz a língua evoluir), e, geneticamente, a língua constitui-se no indivíduo pela aprendizagem da fala que o envolve (não se ensina a gramática e o vocabulário, isto é, a língua, de um modo geral, aos bebês). A língua é, em suma, o produto e o instrumento da fala, ao mesmo tempo: trata-se, realmente, portanto, de uma verdadeira dialética.

1.2.7. O segundo problema colocado pela extensão semiológica da noção *Lingua/Fala* diz respeito ao “volume” que se pode estabelecer entre as “línguas” e suas “falas”. Na linguagem há uma desproporção muito grande entre a língua, conjunto finito de regras, e as falas que vêm alojar-se sob essas regras e constituem um número praticamente infinito. (BARTHES, 2012, p. 42)

Assumindo que há uma desproporção muito grande entre a língua (padrão) – conjunto finito de regras, e as falas (número praticamente infinito) que procuram se alojar sob aquelas regras, é possível pensar que tal sistema de coisas possa vir a ser a causa da dificuldade das crianças em tornarem-se escritor/leitores, uma vez que enunciam de lugares tão diversos. Portanto, à luz das teorias de Ana Luíza Bustamante Smolka, Mikhail Mikhailovich Bakhtin, Roland Barthes e Ferdinand de Saussure, pretendeu-se analisar se as práticas pedagógicas têm garantido o movimento dialógico e a dialética necessária para o desenvolvimento do sujeito escritor/leitor, tendo em vista o contexto apresentado. Ou se a causa dessa dificuldade é de outra natureza.

A metodologia desenvolvida compôs-se, em um primeiro momento, de levantamento bibliográfico visando o embasamento teórico. Posteriormente, foram selecionados os sujeitos que compuseram a amostra, sendo que a coleta de dados fez uso de questionários e entrevistas com os sujeitos que participaram e tiveram experiências práticas com o problema pesquisado (professores e alunos). Os resultados foram posteriormente analisados, à luz dos teóricos acima apresentados,

para a compreensão do fenômeno linguístico que subjaz à dificuldade em dominar os processos de interpretação e produção textual, considerada de natureza funcional, de tal forma a construir um entendimento sobre o processo de construção/apropriação pelo educando de uma sintaxe pragmática que o ajude a explorar/fazer uso dos signos linguísticos para uma linguagem falada e escrita significativamente mais eficiente e eficaz. A tabulação do questionário recebeu tratamento da pesquisa quantitativa, cujos resultados poderão ser usados para um futuro estudo com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de práticas didáticas que permitam ultrapassar o alfabetismo funcional.

A presente pesquisa classifica-se como Pesquisa Aplicada, dado que pretendeu-se desenvolvê-la juntamente às práticas discursivas que se efetivam no interior do processo de letramento e apropriação do Sistema Alfabético de Escrita ao qual o educando do 2º ano do ensino fundamental encontra-se exposto, e com o qual tem muita dificuldade, com o fim de interferir nesse processo.

Portanto, baseou-se no método dialético em um estudo de caso objetivando mudanças no interior do processo de alfabetização e formação do sujeito escritor/leitor, dado que para os fins pretendidos, objetiva influenciar uma determinada mudança de perspectiva do educando sobre a linguagem. Ou seja, seu despertar, segundo Bakhtin (apud SOUZA, 2012, p. 99).

Visando alcançar os objetivos acima explicitados, realizou-se, previamente, uma Pesquisa Exploratória, a fim de obter maior familiaridade com o problema e torná-lo explícito e compreendido por ambos: adultos (professores) e crianças (alunos).

A população referida por esse estudo de caso é parte dos 27% dos brasileiros identificados como analfabetos funcionais, sendo que sua amostra são os discentes de uma determinada classe de 2º ano do período vespertino de uma unidade escolar para o ensino fundamental de 1º ao 5º ano, localizada em um município do interior do estado de São Paulo. Estão incluídos nessa amostra alguns professores de 2º ano.

A instituição oferta, inclusive, o Ensino Fundamental Regular para a EJA – Educação de Jovens e Adultos, para aqueles não puderam frequentar a escola na idade certa. Nas dependências da escola funciona uma unidade do CRAEE – Centro de Referência no Atendimento Educacional Especializado, que oferece apoio especializado aos alunos da rede municipal. A unidade escolar localiza-se às margens da Rodovia SP 332. A escola, portanto, situa-se em bairro periférico no município.

É alto o índice de violência e tráfico de drogas, assim como grande quantidade de barulhos de toda ordem, configurando poluição sonora, comprometendo a saúde dos sujeitos que se encontram ao redor. É fato que as relações sociais entre os moradores e seus familiares não são das mais saudáveis, haja vista o alto índice de desemprego e criminalidade.

Desse entorno originam-se os alunos, muitos com necessidades de atendimento especializado, o que configura uma alta demanda de processo de Inclusão Social e Educação Especial. Alguns alunos, inclusive os de 2º ano, já se envolveram com drogas, assim como demonstram comportamentos violentos entre si e para com os funcionários. Situação que compromete o desenvolvimento cognitivo tão necessário no processo de ensino e aprendizagem, influenciando negativamente o desempenho das habilidades acadêmicas.

Para a coleta de dados junto aos professores, foi elaborado um questionário composto por perguntas fechadas, acompanhado por uma carta de apresentação, a

fim de obter algumas informações sobre suas práticas didático-pedagógicas. Os professores foram instruídos a responderem a rotina que de fato realizam, antes das que desejariam realizar, de acordo com suas concepções pedagógicas, por considerarem as mais corretas e/ou aplicáveis a cada caso. Para a coleta de dados junto aos alunos, foi realizada pesquisa oral/ entrevista coletiva no contexto dinâmico da sala de aula, ou seja, durante as aulas expositivas enfatizando a semiose, contação de história, material pedagógico (alfabeto móvel, folha sulfite, lápis preto e colorido, borracha, revistas para recorte), imagens/figuras que remetem aos elementos das histórias, giz e lousa, e auxílio aos alunos com o uso de conjunções e preposições.

A pesquisa oral, que de certa forma configura-se como uma entrevista coletiva e dinâmica, deu-se durante o período das aulas, nos momentos em que foram executadas as sessões das tarefas programadas. Sua forma de registro consistiu em um relatório, cujo texto em prosa reporta as situações vividas, as reflexões e as tarefas produzidas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que 27% da população brasileira são analfabetos funcionais, a presente pesquisa intentou compreender por que isto se dá, de que forma o sistema educacional poderia amenizar tal problema, que é a incapacidade em não compreender a leitura de textos de média complexidade, por exemplo, ao ler uma bula de remédio, um mapa, um manual, um relatório, preencher uma ficha com certa quantidade de informações solicitadas, enfim, de se comunicar. Ou seja, desempenhos deficitários que denotam um funcionamento mental não totalmente desenvolvido, haja vista que os processos cognitivos são mediatizados pelos signos, sendo a palavra um signo por excelência (cf. SMOLKA, 2013).

No contexto do trabalho pedagógico realizado pela escola, são inúmeras as formas de mediação que se estabelecem entre as crianças e o conhecimento. Entre elas destacamos a mediação do outro, que ensina e faz junto, permitindo a construção partilhada; a mediação dos signos linguísticos e dos recursos sistematizados pedagogicamente, que permeiam todas as interações, organizando os instrumentos para a atividade intelectual. A preocupação em explicitar a emergência de funções psicológicas durante o processo de apropriação da escrita, no contexto das interações pedagógicas, tem nos levado a trabalhar na análise de diferentes episódios de sala de aula. (SMOLKA, 2013, p.16)

Considerando que o governo brasileiro vem investindo soma vultosa de recursos na educação, e que mesmo assim os resultados não apontam índices satisfatórios para a educação do brasileiro, não seria hora de transformar o modelo de ensino? A discussão acima apresentada remete a ideia sobre a necessidade de atividades didáticas que prestigiem a interação e interlocução aprofundada e frequente entre todos os atores (professores com alunos e alunos), cuja forma de ação demanda um tempo considerável.

A importância, neste caso, que se deve imprimir ao tempo tem a ver com a garantia da qualidade das interações dialógicas, que permeiam a prática didática, que fundamenta na dialética as ações pedagógicas, e que visam a construção do conhecimento significativo sobre a linguagem escrita e oral.

Como já colocado, o tempo se consubstancia no substrato necessário em que se desenvolvem as formas críticas de reflexão sobre o sentido ideológico da linguagem e a conseqüente construção de sentido pela própria fala.

Em suma, a reflexão é o que caracteriza uma prática didática dialética no interior de um processo dialógico com o qual aqui se compactua, como sendo o meio mais eficaz para o desenvolvimento e a aprendizagem de um sujeito que se quer letrado, ou seja, com competência no uso da leitura e da escrita como forma de se expressar e apreender o mundo que está posto, na relação direta com suas circunstâncias.

Então, o que dizer sobre o aprendizado da construção de sentidos, muitas vezes romantizados, por crianças provenientes de lares carentes culturalmente, com proximidade à drogas ilícitas e a todo um contexto relacionado? Não é possível ignorar, por exemplo, as diferenças de entonação nas falas de uma pessoa sóbria e de uma pessoa ébria, cujas características são próprias do estado de consciência alterado e que são familiares a alguns alunos.

Outrossim, a entonação relaciona-se diretamente com a sintaxe, e portanto, tal contexto deve receber especial atenção nas interações dialógicas que pretendem a construção de sentidos, no interior da dialética das práticas didáticas.

A reflexão sobre a realidade social brasileira, sobre o poder invasor da mídia televisiva nas salas das famílias brasileiras e sua conseqüente influencia na formação das crianças dever ser comentada, para dar sentido às pesquisas sobre a criança em seu processo de apreensão e interpretação de mundo.

Se considerarmos que um ambiente de reflexão e estudo deve ser, obrigatoriamente, um ambiente calmo e propício às divagações, veremos que o bombardeamento de informações aleatórias que a mídia televisiva realiza impacta a consciência de mundo de um telespectador mal informado.

É importante citar aqui Bakhtin, pois um enunciado lançado carece de uma resposta.

A língua, como fato social, supõe para qualquer enunciado um direcionamento, quer dizer, o fato de orientar-se sempre para um *outro*. Sem isso um enunciado não pode existir. Não há dialogo entre elementos abstratos da linguagem, quer dizer, entre sentenças, mas somente entre pessoas. (BAKHTIN apud SOUZA, 2012, p. 110)

É falando das relações com/no meio que Vygotsky destaca a *perezhivanie*, isto é, a experiência, sentimento, experiência emocional, aquilo que se vai fazendo enquanto formação da personalidade, que se repete uma e outra vez, que implica o entretencimento do funcionamento mental e das emoções em modos socialmente constituídos de os indivíduos estarem no mundo. Experiência é resultante daquilo que impacta e é compreendido, significado, pela pessoa. Há um aspecto compreensivo, apreciativo, valorativo nos sentidos da situação vivida. (SMOLKA, 2006, p. 107)

Posto isto, torna-se evidente que uma prática didática consciente de tais mecanismos próprios de uma interação dialógica que visa o desenvolvimento do raciocínio e a concretude do pensamento perde sua qualidade quando, na rotina escolar, abundam projetos com fins, a bem da verdade, mais políticos do que pedagógicos, que imprimem aquele caráter de urgência para que, enfim, seus resultados apareçam nas pesquisas oficiais.

Nesse sentido, a pergunta que pode ser colocada é: não seria adequado tentar outro modelo de ensino, com menor quantidade de projetos, mas com tempo voltado para interações de qualidade?

É certo que a presente pesquisa tem suas limitações, por exemplo, em relação a um estudo sobre a otimização do tempo para o professor dar conta de todas as atividades sugeridas (obrigatórias). Assim como um estudo aprofundado relacionando entonação, estados de consciência alterado e desenvolvimento da linguagem de crianças em fase inicial de aquisição do sistema alfabético de escrita.

Ao mesmo tempo, haver a possibilidade do aluno frequentar a escola de tempo integral não parece garantir a qualidade das interações ora debatida. Nesse sentido, um estudo sobre como viabilizar um ensinar melhor, com menor quantidade de projetos seria recomendável, haja vista haver tantos autores que discutem a qualidade e a importância das interações sociais e interlocuções no interior do processo do ensino-aprendizagem que visam um desenvolvimento cognitivo à altura das potencialidades da criança.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M.. *The Dialogic Imagination: four essays*. University of Texas Press, Box 7819, Austin, 1981.

BARTHES, R. G. *Elementos de Semiologia*. 19ª edição, São Paulo, Cultrix, 2012.

CAIADO, E. C. *Como orientar os alunos com dificuldades na leitura*. In Canal do Educador.

<http://educador.brasilecola.com/sugestoes-pais-professores/como-orientar-os-alunos-com-dificuldades-na-leitura.htm>. Acessado em jul/2013.

RIBAS, C. C. C. FONSECA, R. C. V. *Manual de Metodologia Opet*. Curitiba, 2008.

SAUSURRE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 34ª edição, São Paulo, Cultrix, 2012

SMOLKA, A. L. B.. NOGUEIRA, A. L. H. (Orgs) *Emoção, Memória e Imaginação – a constituição do desenvolvimento humano na história e na cultura*. 1ª edição, Campinas, Mercado de Letras, 2011.

SMOLKA, A. L. B. GOÉS, M. C. R. de (Orgs). *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento*. 12ª edição, Campinas, Papyrus, 2013.

_____, A. L. B. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. 13ª edição, São Paulo, Cortez; 2012.

_____, A. L. B. *Leitura e desenvolvimento da linguagem*. 1ª edição, São Paulo, Mercado Aberto, 1989.

_____, A. L. B. *Experiência e discurso como lugares de memória: a escola e a produção de lugares comuns*. In: *Pro-Posições, Revista da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, v. 17, n. 2 (50) - mai/ago. 2006, p. 99-118*.

SOUZA, S. J. e. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. 13^o edição, Campinas, Papyrus, 2012.

TAFNER, E. P. SILVA, R.. Apostila de Metodologia Científica. Maio/2007. ASSEVIM.

TOLEDO, R. P. de. *232 Bombas Atômicas*. Veja, Política & CIA. 24/07/2012 <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tag/instituto-paulo-montenegro/>. Acessado em jul/2013.